

Amandona! lança  
álbum intenso até  
debaixo d'água

PÁGINA 4



O lado  
transcendental  
de Diogo Gomes

PÁGINA 5



Montagem luso-  
angolana celebra  
Ruy Guerra

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



SSIFF

Novo longa de Costa-Gavras, 'Uma Bela Vida', chega ao circuito brasileiro em meio à celebração dos 60 anos de carreira do nonagenário artesão do thriller político

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**ramáticas classificam “morrer” como um verbo de ação, sintetizando um ato que, segundo o novo longa-metragem do artesão autoral franco-grego Costa-Gavras, pode simbolizar liberdade e serenidade. “Uma Bela Vida” é o título em português que a distribui-

dora Filmes do Estação escolheu dar para “Le Dernier Souffle” (na tradução mais corriqueira “O Último Suspiro”), um drama comovente sobre finitude. Com estreia neste fim de semana, essa produção francesa marca a volta do papa do thriller político às telas, aos 92 anos. Sua estreia em solo brasileiro coincide com as celebrações dos 60 anos de carreira do cineasta.

Em 1965, Costa-Gavras lançou seu primeiro longa, o suspense “Crime No Carro Dormitório” (“Compartiment Tueurs”). Quatro anos depois, levou ao circuito euro-

peu um estudo sobre corrupção, batizado com apenas uma letra, “Z”, que lhe rendeu o Prêmio do Júri de Cannes e o Oscar de Melhor Filme de Língua Estrangeira. De 1969 em diante, ele virou sinônimo vivo de combate, no audiovisual, atacando a direita, a esquerda, o centrão e a isenção. Numa fase de apogeu profissional, que se estendeu até 2002 (quando criou polêmica com “Amém”), o diretor ganhou a Palma de Ouro de 1982 (com “Missing”) e o Urso de Ouro da Berlinale de 1990 (com “Muito Mais Do Que Um Crime”), além de ter emplacado sucessos de bilheteria sucessivos. “O Corte”, que lançou há duas décadas, ficou sete meses em cartaz no Rio, sempre com salas cheias. Depois de um hiato de cinco anos sem lançar novidades, iniciado pouco antes da pandemia, depois que exibiu “Jogo do Poder” no Festival de Veneza de 2019, o realizador volta a mobili-

zar olhares com um estudo sobre despedidas, que concorreu à Concha de Ouro em San Sebastián, na Espanha, em setembro.

Visto por 115 mil pagantes na França em seus primeiros dez dias em cartaz, “Uma Bela Vida” se integra a um coletivo de produções europeias, de dramaturgia crepuscular, que fazem a crônica de uma morte anunciada, e o fazem sob a ótica dos que ficam, mas também sob a angústia dos que partem. Ponha no pacote “Hot Milk”, da britânica Rebecca Lenkiewicz, que acaba de estreiar no Rio; o francês “Quando Chega O Outono” (“Quand Vient L’Automne”), de François Ozon; e “O Quarto Ao Lado” (“The Room Next Door”), que rendeu o Leão de Ouro ao espanhol Pedro Almodóvar no ano passado. São títulos que apostam na investigação sobre as formas de se resistir ao fim iminente – tanto de órgãos e quanto de esperanças. **Continua na página seguinte**

# Tema que **assusta** recebe direção **serena**



Costa-Gravas em pausa no set de filmagens de 'Uma Bela Vida'

Filmes do Estação/Divulgação



Pacientes em estado terminal encaram o fim nas raias da dignidade em 'Uma Bela Vida'

O assunto assusta, mas a sua-vidade impressa pela montagem de Loanne Trevisan (em duo com o próprio Costa-Gavras) atenua a inquietação que “Uma Bela Vida” provoca ao retratar gentes que estão em fase de adeus. Elegância é o termo que melhor define sua narrativa. Uma paleta

de cores brandas guia a direção de fotografia de Nathalie Durand, feita de planos curtos, sem aeróbicas da câmara. O enredo por vezes flana por uma linha filosófica de plenária, mas foge de didatismos.

Um livro escrito pelo médico Claude Grange e pelo jornalista e filósofo Régis Debray, chamado “Le Dernier Souffle: Ac-

compagner La Fin De Vie” (ed. Gallimard), é a base do roteiro, escrito por Costa-Gavras com uma acurada atenção a diálogos coloquiais e a falas poéticas. “O Diabo mora nos detalhes” é a frase mais recorrente na tela. Ela pontua um paralelo entre a agonia dos corpos (ora idosos, ora jovens) com a atual situação social do Velho Mundo, em relação

a ações assistenciais. Um continente, o Velho Mundo, ganha protagonismo e expõe o quanto suas tradições parecem estar em fase terminal.

Em cena, o doutor Augustin Masset (Kad Merad, astro de popularidade GG na França) e o renomado escritor Fabrice Toussaint (Denis Podalydès, em inflamável atuação) discutem formas de dar assistência a pacientes prestes a morrer. Fabrice está doente e corre perigo. Nas conversas deles, um turbilhão de emoções é revisitado. Em vários encontros, o médico é o guia e o ensaísta é o seu passageiro. Os dois são levados a confrontar os próprios medos e ansiedades, num balé poético, em que cada paciente tem o seu drama pessoal narrado, gerando um mar de risos e lágrimas, fintando as convenções de gênero da “ficção hospitalar”, famosa por séries como “E.R.: Plantão Médico” e “Sob Pressão”.

A diva inglesa Charlotte Rampling encarna a primeira paciente a ser abordada, a Sra. Sidonie, e dá um espetáculo particular no papel de uma enferma que anseia por partir em paz, sem que o seu calvário se prolongue. Além de Charlotte, estrelas de gerações diversas entram em cena, em pequenas participações. Estão lá Françoise Lebrun, Hiam Abbass e Karin Viard. Xavier Legrand, diretor de “Custódia” (2017), bate ponto no elenco também, assim como a filha de Costa-Gavras, Julie Gavras (realizadora de “A Culpa É Do Fidel”), e seu filho, Romain Gavras (o diretor de “O Mundo É Seu”).

Há situações alarmantes entre os casos analisados por Fabrice e Masset em “Uma Bela Vida”, como o da jovem vítima de um tumor no seio que não aceita seu destino. Há, por outro lado, situações lúdicas, como a da cigana que festeja a sua ancestralidade às vésperas de partir.

Na escuta atenta a diferenças culturais, Costa-Gavras acolhe um pensador senegalês que critica o método europeu do “health care” (do cuidado paliativo) que isola os doentes em camas de hospital em vez de aproximá-los da natureza e celebrar as suas vivências longevas. É um debate polifónico. É Costa-Gavras a ser Costa-Gavras, ocupando seu lugar habitual de criar panópticos nos quais a situação é vista por múltiplos vértices. Pouco se fala de fé. Fala-se mais de futuro, ou seja, da hipótese de um término de vida sem dor. Não é um tratado sobre pontos finais, é um debate sobre o porvir.

Egresso de uma vila do Peloponesso conhecida como Loutra-Iraias, naturalizado francês, Costa-Gavras conjuga “morrer” na desinência da coragem, como tudo o que fez... e faz... e fará.

## ENTREVISTA / COSTA-GRAVAS, CINEASTA

Filmes do Estação/Divulgação



# ‘O cinema que eu faço não é panfletário, é espetáculo’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**P**residente do júri da Berinále que deu o Urso de Ouro a “Tropa de Elite”, em 2008, Costa-Gavras já bateu pesado na mídia ao longo de seis décadas de carreira, com direito a um filme sobre jornalismo: “O Quarto Poder” (“Mad City”, 1997), em que dirigiu John Travolta e Dustin Hoffman. Bater em ditaduras (as latino-americanas), ele também bateu, vide “Estado de Sítio” (“État de Siège”), que lhe rendeu uma indicação ao Globo de Ouro, em 1974. Desbravar os conflitos da Faixa de Gaza, ele desbravou, analisando tensões entre Israel e a Palestina via

“Hanna K.”, lá em 1983, com Jill Clayburgh em estado de graça. Sobre racismo ele também falou, com fúria. Supremacistas foram o alvo de seu “Atraídos” (“Betrayed”, 1988), com Debra Winger e Tom Berenger. Xenofobia foi o mote dele em “Paraíso a Oeste” (“Eden à l’Ouest”, 2009), nunca lançado comercialmente por aqui, onde foi exibido só na Rede Telecine e no Cine PE, no Recife. Contabilidades bancárias predatórias inspiraram seu “Le Capital” (2012), com Gabriel Byrne e Gad Elmaleh. Ou seja, todos os ovos de serpente conhecidos pela sociedade ocidental foram chocados ao longo de seus 60 anos de carreira, que se abriu ao amor em “Um Homem, uma Mulher, uma Noite” (“Clair de Femme”), drama romântico in-

dicado ao Leão de Ouro de 1979, que ficou quase um ano em cartaz no Brasil. Essa variedade de assuntos sempre foi modulada por um recorte autoral que o realizador explicou ao Correio da Manhã num papo durante o 72º Festival de San Sebastián, onde lançou “Uma Bela Vida” (“Le Dernier Souffle”), que chega às telas nesta quinta, e durante o Festival de Locarno, na Suíça, onde foi homenageado.

**O que assegura a um longa-metragem “um filme político”?**

**Costa-Gavras:** Não existe nada mais político no mundo atual do que o amor. Se eu fizer uma love story, estarei fazendo um gesto político. A questão nesse rótulo é a confusão que se faz, no senso comum... na mídia... entre as palavras “Poder” e “política”. Poder é controle. Política é administração de relações coletivas. “Édipo Rei”, a tragédia grega milenar, é um thriller. É um thriller político. Ele não fala de votos, de plebiscitos, mas fala de como lidamos como pessoas à nossa volta. Relações são políticas. Eu não me posiciono em prol dessa ou daquela ideologia. O que eu defendo é a liberdade. Confunde-se essa defesa, humanista na essência, com panfleto. O cinema que eu faço não é panfletário, é espetáculo. O caminho do espetáculo abre diálogo.

**Durante a ditadura brasileira de 1964 a**

**1985, o senhor era chamado de “comunista”. O que essa classificação significa hoje?**

Meu tema é democracia e, para falar dela, eu preciso combater a injustiça. Isso incomoda, por isso me associam a correntes políticas.

**Existe uma dimensão democrática de defesa da dignidade em meio ao risco da morte que dá estremo dramaturgico a “Uma Bela Vida”. De que forma a sua abordagem expõe as posições políticas da Europa em relação a eutanásia e aos cuidados paliativos?**

Eu tinha o livro “Le Dernier Souffle” na base da estrutura do projeto e fui visitar Dr. Claude Grange (um dos autores) em seu trabalho. No ambiente de Grange, a equipe médica e a de enfermagem sorri para pacientes, como se elas/es fossem crianças, recebendo atenção a cada demanda do dia a dia. Cuidadoras/es podem fazer as pessoas doentes experimentarem o acolhimento.

**O senhor passou a ser admirado como realizador, nos anos 1960, por seu estilo nevrálgico de mover a câmera, com uma edição veloz, de cortes rápidos. Esse novo filme, entretanto, é sereno, mais contemplativo. O que mudou?**

O roteiro pedia isso e a narrativa que construímos com a câmera é sempre uma resposta ao que a dramaturgia pede. A morte hoje me preocupa. Na minha idade, o horizonte do fim se aproxima mais e mais e estou interessado na melhor forma de morrer. Quero estar preparado para morrer com dignidade. Essa é a palavra. O Estado deveria ter a coragem de apoiar quem quer morrer. Em certos países, essa opção é possível. Godard, por exemplo, decidiu morrer (e cometeu suicídio assistido, na Suíça, em 2022). Toda religião, até a dos povos bárbaros, em tempos anteriores da História, diz que o indivíduo não tem o direito de decidir como morrer. Muita gente acredita em Paraíso e eu respeito as crenças alheias. Não quis que o filme fizesse uma crítica aos ideais religiosos, mas quis incorporar outras perspectivas, como a dimensão cultural africana e a visão dos ciganos.

**O senhor já falou no passado que “um roteiro não filmado é como uma história de amor não realizada”. Que experiência afetiva essa nova empreitada lhe traz agora, aos 92 anos?**

Fazer um filme é uma história de amor e esse amor precisa durar até o fim, da feitura ao lançamento. Há que se ter uma relação de afeto e de carinho com o trabalho.

# Mergulhando para trazer o que estava escondido à superfície

Cantora mineira lança 'Se Eu Pudesse, Te Beijava Até a Voz', um disco pop intimista que celebra afetos LGBTQIAPN+

Por Affonso Nunes

**A** trajetória de Amandona! até seu primeiro álbum revela uma artista que transformou cada palco em laboratório criativo. Natural de Governador Valadares, migrou para Belo Horizonte para estudar Direito, mas foi a música que redefiniu seus caminhos. Entre apresentações em bares da capital mineira e participações em blocos carnavalescos, a cantora e compositora construiu um repertório eclético que vai de Marília Mendonça a Rita Lee e chegou a dividir palco com Ana Carolina, uma de suas principais referências artísticas.

Nesta quarta (16), Amandona! lança "Se Eu Pudesse, Te Beijava Até a Voz" pela OneRPM, trabalho que assume sem reservas a perspectiva sáfica em sua produção autoral.

O álbum, produzido por Luiza Brina, reúne dez faixas que exploram universos afetivos de mulheres lésbicas e LGBTQIAPN+, estabelecendo diálogo direto com artistas como Cássia Eller, Angela Ro Ro, Ana Carolina, Adriana Calcanhotto e Leci Brandão. "Assumo com orgulho o estereótipo da 'sapatão emocionada', trazendo minhas vivências afetivas e desejos para o centro da

narrativa", avisa a artista.

A sonoridade do disco equilibra guitarras oitentistas, arranjos pop contemporâneos e momentos centrados no formato voz e violão, criando uma identidade musical que reflete a espontaneidade dos bares da noite belo-horizontina onde Amandona! foi se fazendo artista.



**Amandona! mergulha sem medo para extravasar afetos em seu trabalho de estreia**

da nova cena musical mineira) dão novos coloridos à paleta emocional das composições.

O processo de lançamento iniciou em maio com o single "Meu Vício", faixa de abertura que estabelece o tom confessional do álbum. Composta em parceria com Helena Guimarães, namorada e empresária da artista,

a canção mistura blues, rock e guitarras nostálgicas em produção inspirada nos anos 1980. "Se Eu Soubesse Como", segundo single com participação de Letrux, constrói-se sobre piano de cauda e linha de baixo marcante, brincando com promessas feitas por áudio de WhatsApp em tributo estético ao legado de Angela Ro Ro.

Entre as faixas que compõem o álbum, "Senorita" surge como declaração em português nascida de paixão carnavalesca, misturando música latina e pagodão baiano. "Quando Vi Já Fui" transforma um encontro casual em confissão musical através de melodia leve. "Moça Que Dança", inspirada por uma dançarina que conquistou a artista, incorpora influências do afoxé para narrar amor que se transformou em amizade.

"Te Quiero" carrega sensualidade e tensão emocional em composição escrita após a morte do pai da artista, falando de urgências não vividas com participação de Juliana Linhares. "Tão Sem Graça" retrata o fim de uma relação através de voz, violão e solo de trompete de William Pajé. "Sereia", única faixa previamente lançada e agora regravaada em versão mais íntima, nasceu de viagem à Bahia que inspirou reflexões amorosas.

"Filosofia" transforma afeto em metáfora aquática através de guitarras brilhantes, enquanto "Eu Gosto Mesmo É de Beijar" encerra o disco com humor e franqueza sobre desejo, evocando o álbum "Maré" de Adriana Calcanhotto em produção que simula paisagem sonora de bloco carnavalesco.

O projeto visual do álbum foi registrado literalmente debaixo d'água com apoio de equipe de mergulho, reforçando a ideia de imersão emocional que perpassa o trabalho. "É uma tentativa de ampliar a visibilidade de corpos e afetos historicamente apagados na história da MPB", explica Amandona!.

As participações especiais de Letrux, Juliana Linhares e da própria produtora Luiza Brina (cantora e compositora de destaque



Trompetista e arranjador carioca lança seu álbum de estreia no Blue Note Rio

Por Affonso Nunes

O trompetista e arranjador Diogo Gomes apresenta nesta quarta-feira (16), às 22h30, no Blue Note Rio, os temas de “Transcendental”, seu primeiro álbum. O trabalho reúne composições autorais com elementos da musicalidade afro-brasileira. O

carioca é um músico respeitado que já atuou em projetos com nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Djavan, Jorge Ben Jor, Maria Rita e Nando Reis. Com arranjos assinados pelo próprio artista, “Transcendental” explora sua trajetória pessoal, incluindo a família, a criação no subúrbio carioca e o desenvolvimento de sua musicalidade. A concepção do disco foi in-

fluenciada pela vivência da paternidade, que, segundo Gomes, intensificou seu processo criativo. A sonoridade do álbum abraça diversas influências. Há uma presença marcante de ritmos brasileiros como samba e afoxé, e outras expressões afro-brasileiras. Paralelamente, o músico incorpora elementos do jazz e da improvisação numa equilibrada

combinação de estilos. A faixa “Herança” é dedicada ao pai de Diogo, Cesário Constâncio Gomes, também trombonista, que participa da gravação. Diogo Gomes destaca o pai como sua primeira referência musical. A composição, que conta com orquestra de sopros, faz referência ao ambiente orquestral vivenciado por seu pai, indicando a transmissão de um legado musical. Antes do lançamento completo, três singles foram divulgados com videoclipes. “Som do Ventre”, dedicado à sua mãe, começa com um batimento cardíaco de seu filho. “Real Engenho” homenageia Realengo, seu bairro de origem. “Herança” completa essa sequência de homenagens familiares. A formação de Diogo Gomes inclui bacharelado em trompete pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estudos no Conservatório Brasileiro de Música, e participação na Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem. Ele também possui pós-graduação em educação musical.

**SERVIÇO**  
DIOGO GOMES - TRANSCENDENTAL  
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 16/7, às 22h30  
Ingressos a partir de R\$ 60

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Um toque francês

O produtor francês DJ Fudge, radicado em Barcelona, lança “Sin Freno”, seu primeiro single pela gravadora Orianna. A faixa combina dance music latina com elementos tropicais, metais vibrantes e sonoridade eletrônica das Ilhas Baleares. Com vocais que exaltam resiliência e autoconfiança, a música convida a perseguir sonhos e viver intensamente. Considerado um dos criadores do movimento “French Touch”, DJ Fudge possui discografia respeitada em selos como Defected e Soulfuric.

Divulgação



### Álbum a caminho

Filho do mítico guitarrista Eddie Van Halen, morto em 2020, o cantor e compositor Wolfgang Van Halen anuncia o terceiro álbum do projeto Mammoth, “The End”, com lançamento em 24 de outubro. O disco foi gravado no estúdio 5150 e produzido por Michael Baskette, trazendo 10 faixas compostas e executadas integralmente pelo músico. O single “The Spell” é a segunda faixa do novo trabalho a ser divulgada na sequência da faixa-título, que está no Top 5 das paradas de rock estadunidenses. A banda fará turnê com Creed no verão da América do Norte.



Divulgação

### A dor como linguagem

Sasha Prendes lança nova versão de “Stay”, três anos após o original, em colaboração com a produtora Chorona. A faixa, disponível nas plataformas de streaming, retrata um amor visceral e destrutivo e agora ganha produção mais densa e cinematográfica, com batidas suaves e ambientações melancólicas. O videoclipe, dirigido por Luka Funduk, explora a vulnerabilidade através de cenas solitárias e tons frios. A cantora acredita que a releitura transforma a música em experiência sensorial. “Foi uma troca intensa entre duas artistas que entendem a dor como linguagem criativa”, disse.

## CORREIO CULTURAL

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Ana Maria Gonçalves durante gravação do programa

## TV Brasil exhibe entrevista com a imortal Ana Maria Gonçalves

A TV Brasil reapresenta nesta quarta-feira (16), às 23h, entrevista com Ana Maria Gonçalves, primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras. A escritora mineira conquistou a cadeira 33 da ABL com 30 votos, superando Eliane Potiguara e outros candidatos na disputa pela vaga deixada por Evanildo Bechara.

## Sobre perdas

Marina Lima comentou a morte do irmão Antonio Cicero, que optou por suicídio assistido na Suíça após diagnóstico de Alzheimer. Ela revelou que o poeta manteve sigilo sobre a decisão e só conversou com o marido Marcelo.

## Canções roubadas

Dois membros da equipe de Beyoncé tiveram malas furtadas em Atlanta (EUA) com materiais da turnê "Cowboy Carter". Criminosos arrabaram o porta-malas do carro alugado levando computadores, figurinos e arquivos inéditos de áudio e vídeo.

No programa Trilha de Letras, conduzido por Eliana Alves Cruz, a acadêmica discute seu romance "Um Defeito de Cor", obra que se tornou fenômeno editorial e inspirou o enredo da Portela no Carnaval 2024.

A conversa gravada na BiblioMaison, marca episódio da quarta temporada da atração literária.

## Sobre perdas II

A cantora defendeu a legalização da morte assistida no país. "Por que tem que ir para o exterior fazer isso? Devia ser permitido no Brasil", questionou. Ela disse que o diagnóstico abalou profundamente o irmão, que sempre foi "alegre" e "aventureiro".

## Canções roubadas II

O furto preocupa pela natureza do material levado: músicas não lançadas, registros de bastidores, planos para transmissão de shows e setlists de apresentações futuras. Apesar do episódio, a cantora mantém a programação da turnê.



O espetáculo é permeado por números musicais de canto e dança

## Música e dança como peças de resistência

'Veias Abertas 60 30 15' transforma obra de Eduardo Galeano em espetáculo de dança e música

Aquela Cia. marca seus vinte anos de trajetória com uma proposta audaciosa: transformar a densa obra "As Veias Abertas da América Latina", do uruguaio Eduardo Galeano, em um espetáculo musical que celebra a resistência através da festa. "Veias Abertas 60 30 15", com direção de Marco André Nunes e texto de Pedro Kosovski e Carolina Lavigne, desembarca no Rio de Janeiro para temporada no Sesc Copacabana após passagem por São Paulo.

O livro de Galeano, publicado em 1971 e censurado durante a ditadura militar brasileira, denuncia séculos de exploração econômica do continente latino-americano. A montagem teatral, porém, escolhe um recorte específico dessa narrativa histórica. "A obra de Galeano

aborda ciclos de exploração como o ouro, a prata, o café, o algodão e o açúcar. O foco central da narrativa da peça é o da banana, que deu origem à expressão 'República das Bananas', apelidado dado aos países latino americanos e o massacre dos trabalhadores da Union Fruit, na Colômbia em 1928", explica Marco André Nunes.

O massacre de trabalhadores colombianos representa um dos momentos mais emblemáticos da dominação econômica estrangeira na América Latina, tema que ressoa com questões contemporâneas sobre dependência e soberania. Pedro Kosovski, responsável pela dramaturgia, esclarece que "a intenção é ampliar poeticamente o potencial da obra de Galeano, que é muito dura ao tratar de todas as explorações sofridas pela América Latina ao longo dos séculos".

A estratégia cênica adotada pela companhia contrasta deliberadamente com a gravidade do tema. Em vez de reproduzir o tom de denúncia do texto original, o espetáculo aposta na música e na dança como formas de resistência cultural. "A peça se passa em 'aulas de

dança' e é dividida por ritmos musicais latinos, incluindo salsa, bolero, mambo, samba e punta (ritmo hondurenho). A trilha sonora inclui canções de artistas como Grupo Niche, La Charo, Nelson Ned, Perez Prado e Yma Sumac, com figurinos típicos e máscaras customizadas e regionais (peruanas, argentinas e brasileiras). O espetáculo busca fortalecer, em nós brasileiros, o senso de pertencimento latino-americano", detalha o diretor.

Essa abordagem reflete uma característica marcante da Aquela Cia., conhecida por seus processos de criação coletiva e pela elaboração de dramaturgias que atravessam conceitos de memória coletiva e imaginário social. Ao longo de duas décadas, a companhia desenvolveu um repertório que vai desde releituras de ídolos pop, como o álbum "Outside" de David Bowie, até adaptações de autores clássicos como Franz Kafka.

O título "Veias Abertas 60 30 15" revela uma dimensão conceitual que dialoga com a contemporaneidade digital. Os números se referem à duração progressivamente decrescente das cenas - de 60 para 30, 15.

## SERVIÇO

VEIAS ABERTAS 60 30 15  
Sesc Copacabana - Mezanino  
(Rua Domingos Ferreira, 160 - Copacabana)  
De 17/7 a 10/8, de quinta a domingo (20h30) | Ingressos:  
R\$ 30, T\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado do Sesc)

Divulgação



*A montagem do grupo Teatro Griot se vale da projeção de trechos do documentário de Ruy Guerra criando um diálogo entre passado e presente e estabelecendo um ritual urgente de reinvenção do tempo*

# Homenagem futurista a Ruy Guerra

Por Affonso Nunes

**A** Sala da Cinemateca do MAM-RJ recebe nesta sexta e sábado (18 e 19) a performance “Trópicos Mecânicos (Mueda)”, que marca a estreia no Brasil do Teatro Griot, companhia luso-angolana reconhecida como o primeiro grupo de teatro negro em atividade contínua em Portugal, em parceria com o cineasta brasileiro Felipe M. Bragança e a atriz portuguesa Catarina Wallenstein. A obra presta homenagem ao veterano cineasta moçambicano-brasileiro Ruy Guerra, de 94 anos, que

estará presente nas apresentações.

O espetáculo revisita um dos episódios mais traumáticos da história colonial africana: o massacre de Mueda, ocorrido em 1969, quando mais de 300 moçambicanos foram mortos pelo exército português. A performance dialoga diretamente com o filme “Mueda – Memória e Massacre” (1979), dirigido por Guerra e considerado o primeiro longa-metragem do Moçambique independente. Através de uma estética futurista que mescla teatro e cinema, a montagem propõe uma reflexão sobre memória colonial, identidade e as possibilidades de futuro para além

das cicatrizes históricas.

A narrativa acompanha um viajante do tempo que tenta retornar ao dia do massacre, mas se vê aprisionado nas memórias cinematográficas do evento. Auxiliado por personagens que transitam entre o real e o fantástico – um ator esquecido, uma mulher ciborgue e o fantasma de uma cantora –, ele busca responder à questão central da obra: “para onde vai um futuro que nunca chega?”. O elenco reúne Zia Soares, Daniel Martinho, Gio Lourenço, Matamba Joaquim e Catarina Wallenstein, com trilha sonora original dos moçambicanos Selma Uamusse, Milton Gulli e 40D.

Performance do grupo luso-angolano Teatro Griot revisita massacre histórico em Moçambique em estética que mescla cinema e teatro

A gênese do projeto remonta às pesquisas de Bragança para seu filme “Um Animal Amarelo” (2020), quando se deparou com a obra do cineasta. “Nas pesquisas, me deparei com o filme de Ruy Guerra, ‘Mueda’, e fiquei encantado com a ideia daquela comunidade que repetia, em um ritual teatral e catártico, o dia do massacre em que o exército de ocupação colonial português ceifou tantas vidas”, relata o cineasta. O encontro com o Teatro Griot em Lisboa, em 2018,

consolidou a parceria que resultaria na performance.

Fundado em 2005, o grupo desenvolve trabalhos que abordam a experiência negra, o passado colonial e a diáspora africana, temas que se alinham perfeitamente com a proposta de “Trópicos Mecânicos (Mueda)”. A companhia já apresentou a performance em Lisboa e Berlim desde sua criação em 2021, especialmente concebida para celebrar os 90 anos de Ruy Guerra. “Devíamos ao grande Ruy, hoje com 94 anos, uma apresentação no Brasil. Será muito forte poder mostrar a ele o que criamos e revisitar as memórias do ‘Massacre de Mueda’, que em 2025, completou 65 anos”, afirma Bragança.

A escolha pela estética futurista responde a uma necessidade conceitual. “O massacre de Mueda figura como um dos maiores marcos históricos da formação do Moçambique independente. Sua memória, eternizada no tempo e no filme de Ruy Guerra, faz dele uma espécie de ferida aberta e de monolito incontornável”, explica o diretor. A performance propõe pensar a memória colonial como “uma ruína translúcida através da qual emergiria a projeção de futuros possíveis”, transformando teatro e cinema em “máquinas do tempo”.

A montagem incorpora trechos do filme original, erguendo uma ponte entre passado e presente, memória e projeção. Entre fantasmas do passado e visões do futuro, a obra transforma a cena em ritual, estabelecendo o teatro como “um gesto urgente de reinvenção do tempo”. A performance questiona não apenas os traumas coloniais, mas as possibilidades de superação e construção de novos horizontes a partir do reconhecimento e elaboração dessas feridas históricas.

## SERVIÇO

### TRÓPICOS MECÂNICOS (MUEDA)

Sala da Cinemateca do MAM – RJ (Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo)  
18 e 19/7, às 19h  
Entrada franca, com retirada de ingressos no link <https://encr.pw/RHgvz>

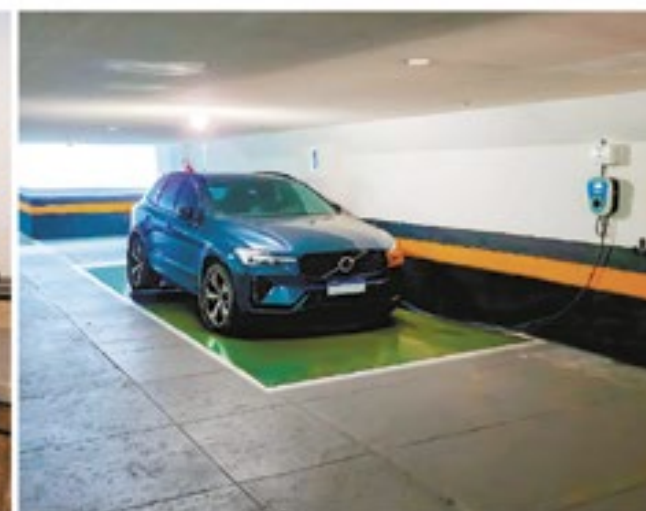


[www.arenahotel.rio](http://www.arenahotel.rio)

  
**ANNA**  
ALL SUITES  
IPANEMA



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ